A localização da chácara Villa Izabel, propriedade do livreiro Gualter da Silva

JOSÉ LIBERAL DE CASTRO (*)

O alpendre da chácara do livreiro Gualter Rodrigues da Silva serviu de cenário a duas famosas fotografias datadas de 1888, que fixaram instantes de confraternização entre intelectuais cearenses e o presidente da Província, o paulista Antônio Caio da Silva Prado (1853 -1889).

As fotografias, quase certo pertencentes a Antônio Sales, que as divulgou, constituiriam, sem dúvida, conjunto mais numeroso, embora somente uma dupla delas tenha chegado aos nossos dias (fig.1a, fig.1b. e fig.2). Colhidas por Alfredo Salgado (1855 -1947), preservam imagens de um ensolarado e incerto domingo de 1888, talvez 29 de abril, 13 ou 6 de maio (provavelmente este último dia), registrando momentos alegres e fugidios, vividos pelos circunstantes com despreocupação e sem formalidades sociais. Mostram o presidente da Província, recém-chegado ao Ceará, o dono da casa e membros de sua família, além de um grupo de amigos - comerciantes, intelectuais e artistas, gente que se havia irmanado na participação da causa comum em prol da libertação dos escravos da Província, campanha vitoriosa, encerrada havia quatro anos, quando de decisão espontânea, pública e festiva do povo cearense, tomada em 25 de março de 1884.

Nas fotos, aparecem componentes da família do anfitrião, Gualter Rodrigues da Silva, que porta um bandolim, sua esposa, Isabel Rabelo da Silva, conhecida afetivamente por dona Biluca, mulher culta e pintora, e as duas filhas do casal, Maria Ester e Clotilde (o filho, César, estava ausente).

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

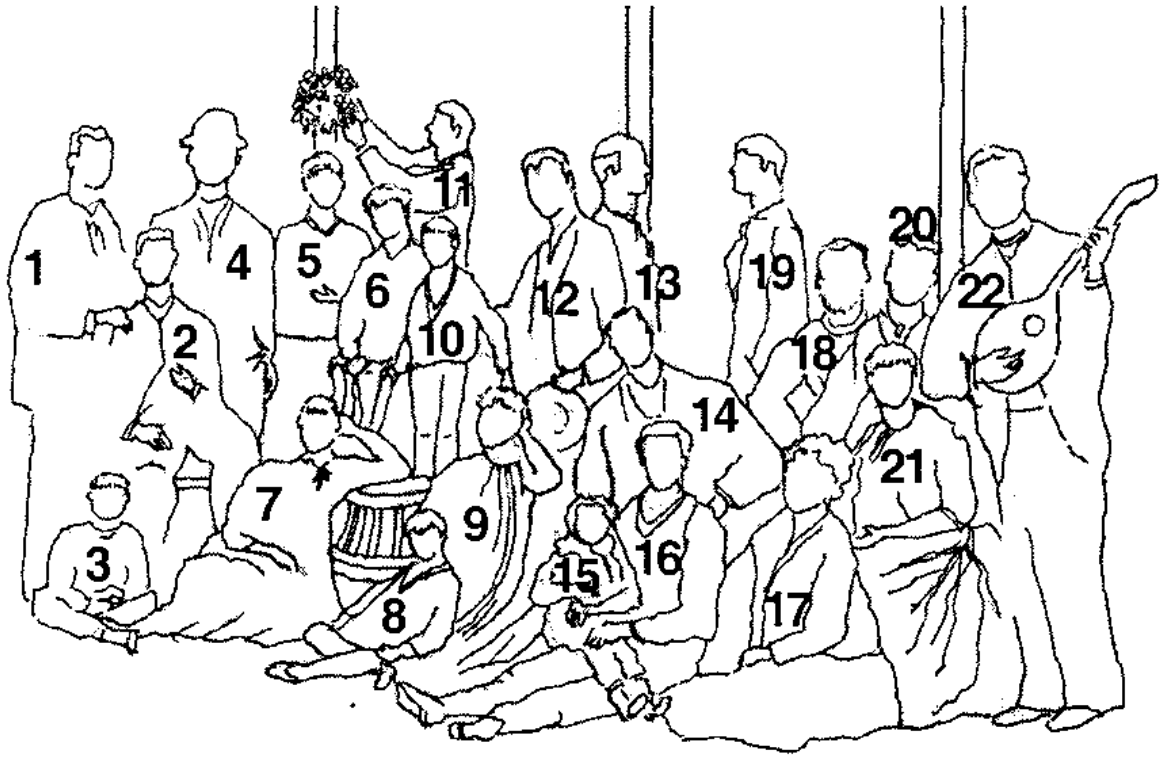

Figura 1a – Indicação dos integrantes do grupo mostrado na figura 1b.
(*Croquis* do autor)

1-Antônio Bezerra; 2-Antônio Martins; 3-Antônio Martins Filho; 4-Jacques Weil; 5-empregada; 6-Ana Lopes [?]; 7-Maria Ester (Réria); 8-Tomás Lopes; 9-Dª Menininha; 10-Oscar Lopes; 11-João Salgado; 12-Confúcio Pamplona; 13-Frederico Nascimento; 14-Caio Prado; 15-César Lopes; 16-Alberto Nepomuceno; 17-Clotilde; 18-João Lopes; 19-Oliveira Paiva; 20-Antônio Sales; 21-Dª Isabel; 22-Gualter da Silva.

Há outras pessoas distantes e não identificadas. Na foto 2, aparecem todas as pessoas mostradas na foto 1, menos dois dos filhos de João Lopes, Tomás e Oscar.

Figura 1b - Fotografia do encontro na Chácara Villa Izabel. *(Arquivo Nirez)*

Figura 2 – Fotografia do encontro na Chácara Villa Izabel. *(Arquivo Nirez)*

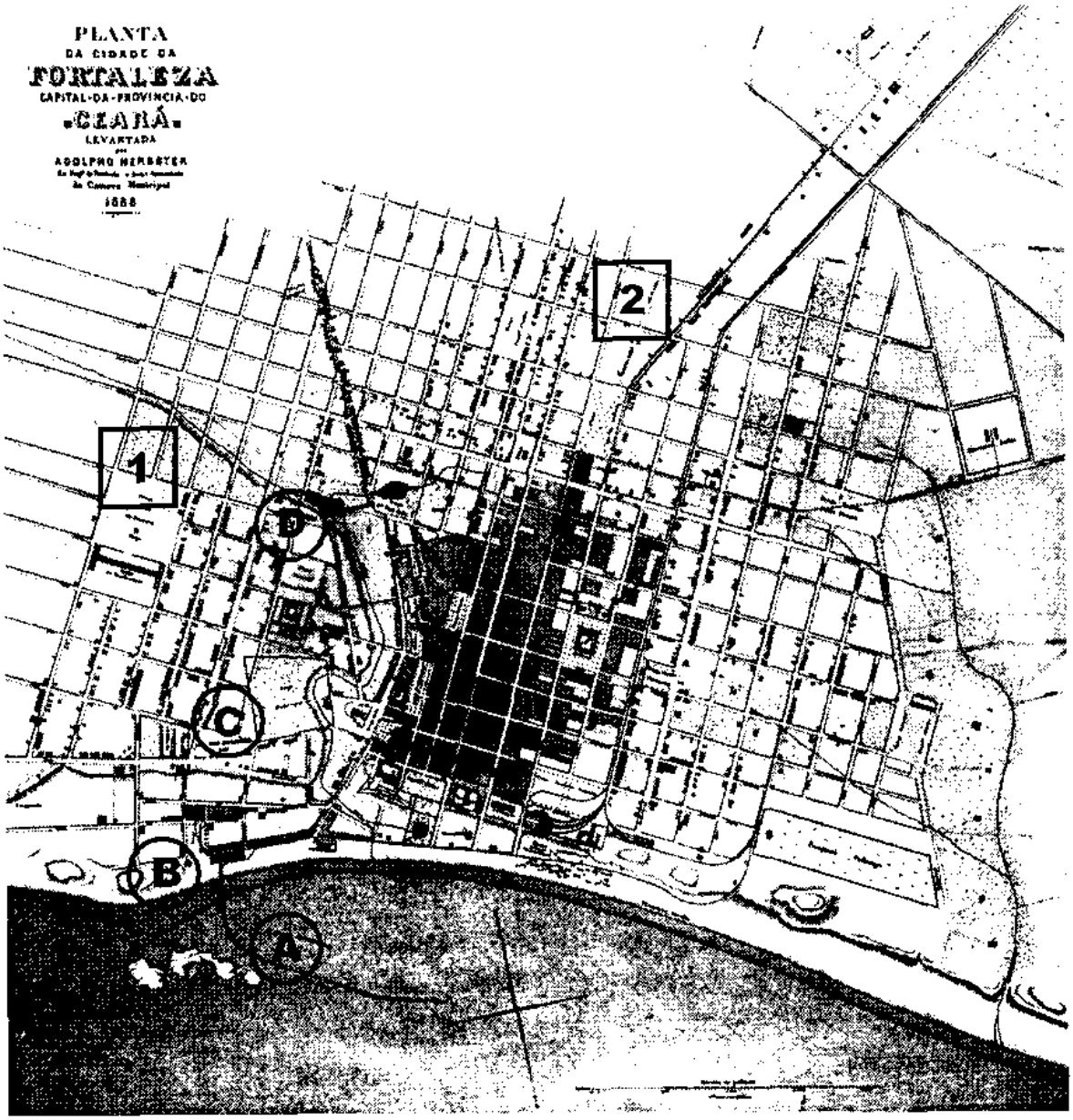

Figura 3 – Adolpho Herbster - Planta de Fortaleza / 1888 - (Coleção do autor).

1. Chácara situada entre a rua da Soledade e a rua da Aldeota
2. Chácara *Villa Izabel*, na *antiga Estrada da Pacatuba*.

A. Quebra-mar Hawkshaw;
B. Prainha;
C. Outeiro da Prainha;
D. Outeiro do Colégio;

Também participam do grupo o jovem Alberto Nepomuceno (1864-1920) e o violoncelista português, Frederico Nascimento (1852-1924), já calvo, às vezes referido como noivo de Réria (Ester), informação divulgada mas sem fundamento. Vêem-se ainda o poeta Antônio Sales (1868 -1940), o polígrafo Antônio Bezerra (1841-1921), o romancista Manuel de Oliveira Paiva (1861-1891), tio de Nepomuceno. Encontram-se também João Lopes Ferreira Filho (1854-1928), redator do jornal abolicionista *O Libertador*, sua esposa, Maria de Sousa Catunda Lopes Ferreira (? -1935), a dona Menininha, e os filhos do casal, Tomás (1879 - 1913), César (1881-?), Oscar (1882-1938), ainda crianças; o primeiro deles, Tomás, futuro autor da letra do Hino do Ceará, composto por Nepomuceno em 1903. Figuram ainda, na fotografia, João Salgado, irmão de Alfredo, o poeta Antônio Martins (1855 -1895), acompanhado de um filho pequeno, homônimo, além do joalheiro Jacques Weil (1856- ?) e do empresário Confúcio Pamplona (1859-1910), que introduziria a telefonia comercial no Ceará, três anos depois. Aparecem ainda uma criada e uma outra figura feminina, talvez Ana (1852- ?), irmã de João Lopes.

Weil tinha sua joalheria confrontante com a libro-papelaria Gualter, na rua Major Facundo. Quanto à ala intelectual dos convidados, assinale-se que João Lopes, Antônio Martins, Antônio Bezerra e Oliveira Paiva formavam um grupo que se reunia com freqüência. Eram todos membros fundadores do Centro Literário, sociedade de letras nascida em 1886.[1]

[1] Quando, em 1892, os membros do mesmo grupo, com Sales à frente, fundaram a Padaria Espiritual, Gualter da Silva já havia falecido. Reuniam-se então na *chácara Adelaide*, pertencente ao notário Joaquim Feijó de Mello, pernambucano, sogro de José Carlos Ribeiro Júnior (1860-1896), o "padeiro" Bruno Jacy. A *chácara Adelaide* também ficava no Benfica (fig 4), além dos trilhos da Baturité. Estava localizada na esquina da avenida 13 de Maio com avenida Carapinima, em vasta gleba hoje ocupada pelo IBGE, por dois edifícios de apartamentos, por várias casas, por um posto de venda de combustíveis e pela instituição *Nosso Lar*.

Nepomuceno e Nascimento estavam em excursão artística à cidade, na busca de angariar meios financeiros com os quais o músico cearense pudesse aperfeiçoar-se na Europa, já que não lhe fora concedida uma bolsa de estudos solicitada ao governo imperial por intermédio da Assembléia da Província, provavelmente negada em face de sua posição explícita de abolicionista e republicano.

Em vista das circunstâncias e dos circunstantes, tanto o encontro de amigos como as fotografias têm merecido compreensível evidência em trabalhos pertinentes à história da cultura cearense [2]. Em texto publicado na Revista do Instituto do Ceará, n. 109, de 1995, p. 319-336, sob o título *Alberto Nepomuceno e o Ceará*, relativo à rápida visita do músico à sua terra natal, ocorrida naquela ocasião, o autor deste artigo, embora de modo incidental, também fez referência às fotos, levantando uma suposição imprecisa quanto ao ponto de implantação da casa:

> *A casa de chácara, a Vila Santa Isabel, ficava no Benfica. Raimundo Girão dizia-nos acreditar que estava no cruzamento das atuais avenidas da Universidade com a rua Senador Catunda, não sabendo entretanto precisar em qual das esquinas. Talvez a chácara ficasse mais distante, já perto da linha do trem* (CASTRO, 1995: 322).

Este texto, ora publicado, constitui, assim, um adendo retificador, pois, como logo se verá, laboraram em engano, tanto o articulista como Raimundo Girão, embora o cruzamento de ruas aventado pelo último se mantivesse mais próximo da localização verdadeira da chácara.

Pesquisa e acasos

Se não propriamente fruto de um acaso, mas, sem dúvida, decorrência de uma imprevista conjunção de desígnios dispersos, recentemente surgiram condições que permitiram se pudesse

[2] Raimundo Girão e Wilson Bóia, entre outros, conferiram especial destaque às fotografias, divulgando-as e comentando-as em seus livros.

formular hipótese de aceitável localização da chácara. É que, à busca de documentação relativa ao conjunto sepulcral do Cemitério de São João Batista, o pesquisador Henrique Sérgio de Araújo decidiu fazer um exaustivo levantamento de inventários dos titulares de jazigos daquela necrópole cearense guardados no Arquivo Público Estadual, selecionados, é claro, os túmulos material e simbolicamente mais significativos. Movido por incansável e obstinada dedicação em procura de fontes históricas do objetivo de suas perquirições, Henrique Sérgio Araújo coletou vasto acervo documental, marcado pela amplitude do espectro. Num gesto generoso, que muito o caracteriza, decidiu presentear o autor deste trabalho com valiosos dados coligidos em suas investigações[3]. Entre muitas informações oferecidas, incluiu várias listas de bens arrolados nos inventários dos livros dos Cartórios de Órfãos. Esses registros oficiais, como se sabe, relacionam apreciável rol de propriedades imobiliárias, cuja reconstituição espacial constitui matéria de fundamental interesse para a história da formação fundiária fortalezense.

Dos inventários compulsados, consta o de Gualter Rodrigues da Silva. Proprietário da Libro-Papelaria Gualter e nome querido nos meios intelectuais da cidade, Gualter da Silva nasceu em 28 de maio de 1843 e faleceu repentinamente em 20 de novembro de 1891, três anos após o encontro que as fotografias de Alfredo Salgado fixaram para a posteridade. O túmulo de Gualter da Silva, particularizado por um livro aberto no alto, posto como arremate do conjunto escultórico, situa-se perto do portão de acesso geral ao cemitério, logo à direita de quem entra, quase vizinho ao do presidente Caio Prado, desaparecido um ano depois do animado encontro na chácara, vítima da febre amarela.

[3] A pesquisa desenvolvida por Henrique Sérgio Araújo objetivava obter informações necessárias ao preparo de sua dissertação de mestrado intitulada *Assim na terra como no céu*, voltada para o estudo de realizações tumulares de maior vulto, remanescentes no chamado 1° plano do Cemitério de São João Batista, em Fortaleza. A dissertação foi defendida no Curso de Mestrado do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará em junho de 2003, quando obteve aprovação com louvor.

Dados do inventário de Gualter Rodrigues da Silva

No inventário de Gualter Rodrigues da Silva, interessam a esta notícia basicamente os seguintes dados, transcritos *ipsis litteris*:

> *Bens de raiz*
>
> *Uma chacara no lugar Aldeiota medindo mil quatrocentos e cincoenta palmos de frente, na rua da Soledade com fundos correspondentes para a rua d'Aldeiota – 2:000$000.*
>
> *Uma chácara denominada " Villa Izabel" com caza de morada medindo 367 palmos de terreno foreiro a N. S. Rozario, na antiga estrada da Pacatuba com fundos á rua Formoza – 6:000$000.*
>
> *Um terreno junto a "Villa Izabel", com fundos para a Rua Senador Pompeu, medindo 112 palmos [...].*
>
> (Cartório de Órfãos de Fortaleza - pacote 122 / processo nº 2)

A informação, conquanto de significativa importância, não podia contudo responder, por si só, a indagações pertinentes à exata localização da chácara, situada que estava fora da zona central da cidade, portanto, em setor onde, à época, as casas não eram numeradas. Deste modo, com apoio na história da forma urbana fortalezense e na cartografia antiga da cidade, estabeleceu-se um programa de deduções, induções e exclusões, que pudesse fornecer subsídios necessários à investigação e à conseqüente elucidação do problema.

Toponímia urbana fortalezense

Como rota proposta para melhor compreensão dos dados fornecidos pelo inventário de Gualter da Silva, preliminarmente impõe-se tentar esclarecer o que significam "Aldeiota" e "Estrada da Pacatuba", dois trechos da cidade nomeados de modo expresso, acrescendo-se algumas considerações conseqüentes, relativas à toponímia fortalezense, modificada com o passar do tempo.

A dinâmica da vida urbana altera fisicamente as cidades, gerando ampliações, substituições e reduções dos espaços, com repercussão direta na toponímia corrente. Apenas à guisa de demonstração, tome-se, por exemplo, um trecho fortalezense quase central, a Prainha. Apesar de ainda fartamente mencionado na primeira metade do século XX, o nome, salvo em raras e ocasionais alusões feitas à igreja (de Nossa Senhora da Conceição) da Prainha, tornou-se hoje desconhecido na cidade. A Prainha oitocentista era um curto trecho de praia de águas relativamente tranqüilas, fronteiro à cidade, onde podiam abicar embarcações de médio porte (fig 3-B). Essa vantagem do local ensejou a construção de trapiches de embarque e desembarque, o último dos quais, com obras em estrutura metálica, inauguradas em 1907, o que lhe justificava a condição dita de *Ponte Metálica* [4]. Ampliado em 1927, agora com estrutura de concreto armado, passou a denominar-se Viaduto Moreira da Rocha e hoje, apesar de inteiramente abandonado, ainda resiste ao tempo. O desaparecimento físico e nominal da antiga Prainha deveu-se à sua integração a uma bacia marítima vizinha, meio fechada, popularmente conhecida por Poço da Draga, nascida do assoreamento provocado por correntes marítimas desviadas em conseqüência do atulhamento do desvão de um viaduto ferroviário que interligava o quebra-mar Hawkshaw à terra firme (fig. 3-A), permitindo a livre passagens das correntes marítimas.

Tal como várias outras designações toponímicas fortalezenses, a antiga Prainha extinguiu-se. Incorporou-se ao Poço da Draga, este por sua vez também desaparecido no transcorrer do

[4] Não se sabe por que motivo, há certo tempo, a designação *Ponte Metálica* foi transferida para outro viaduto, paralelo e próximo, bem mais novo e construído em concreto armado! Esse viaduto mais novo integrava o anteprojeto de um porto-ilha proposto pelo engenheiro Manuel Carneiro de Sousa Bandeira e desenvolvido pelo engenheiro Lucas Bicalho. As obras, iniciadas por Epitácio Pessoa em 1921, a cargo da firma inglesa Norton Griffiths & Co. Ltd., foram suspensas no governo Artur Bernardes. A estrutura, que teve como calculista de concreto armado o engenheiro inglês George Ivan Cope, permaneceu inconclusa e abandonada. Embora fosse oficialmente denominado Viaduto Lucas Bicalho, era outrora conhecido por Ponte Velha ou, às vezes, por Ponte dos Ingleses.

século XX, aos poucos, em decorrência de aterros sucessivos. Presentemente, toda aquela zona, todavia bastante ampliada, ganhou a denominação de Praia de Iracema, topônimo de origem artificial, oficializado em torno de 1925 e que, por bom tempo, assinalava apenas pequeno trecho de praia e sua retaguarda urbana, correspondente à atual rua dos Tabajaras.

Fato semelhante também ocorreu com tantos outros pontos da cidade, tais como o "lugar Aldeiota" e a "Estrada da Pacatuba", citados no inventário. A primeira das denominações cresceu incomensuravelmente, enquanto a segunda desapareceu por completo. A referência aos dois topônimos, neste artigo, pede, pois, alguns esclarecimentos, em particular quanto ao último, por estar diretamente correlacionado com a localização da chácara *Villa Izabel*.

Lugar Aldeiota, rua da Soledade, rua da Aldeiota

Quando, em 1813, o Governador Manuel Inácio de Sampaio ou a Câmara Municipal encomendaram um plano de expansão da inexpressiva vila da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, o Tenente Coronel de Engenheiros Antônio José da Silva Paulet (1778-1837) optou por um risco em xadrez, afim de dar continuidade à exígua malha urbana que se acomodava à margem esquerda do riacho Pajeú. Por evidente facilidade topográfica, preferiu direcioná-la para o oeste, sobre o planalto arenoso, limitando-a no norte e ao nascente por um ângulo formado pelas dunas fronteiras, paralelas ao mar, e pelo referido riacho Pajeú. A viabilidade de ocupação do outro vasto areal distendido a leste da vila se afigurava remota, já que o acesso direto ficava interditado pelo riacho do Pajeú, cuja transposição mostrava-se difícil, condicionada aos limitados meios disponíveis à época.

Ainda assim, num segundo instante, com locação do próprio Paulet, foi aberta uma rua reta, na margem direita do riacho, sem dúvida destinada a servir como diretriz de um futuro processo de desenvolvimento urbano da zona leste da vila. Chamava-se rua do Norte, nome posteriormente substituído por rua do Sampaio, atualmente, rua do Governador Sampaio, conferido em homenagem ao gestor público que a mandara implantar.

De qualquer modo, ainda nos anos iniciais da segunda metade do século XIX, a zona oriental da cidade exercia pouca ou nenhum atrativo à população fortalezense, mostrando-se ocupada de modo rarefeito e disperso, principalmente por "casas de palha", termo empregado por Adolpho Herbster na *Planta Exata da Capital do Ceará*, preparada em 1859. Uma rua daquele trecho da cidade, aberta na ocasião (trecho inicial da atual avenida Santos Dumont), logo conheceu pequena qualificação urbana proporcionada pela construção de dois edifícios de porte para a cidade da época. Um deles, mais antigo, era o Colégio dos Educandos, depois cedido às Irmãs de Caridade, que o transformaram no Colégio da Imaculada Conceição, hoje alterado e congregando um conjunto de anexos. O outro edifício de vulto, o Asilo de Mendicidade, situado mais adiante e destinado a abrigar pobres idosos, transformou-se por sucessivos acréscimos e modificações formais no atual Colégio Militar. Essas duas edificações, localizadas ao longo da rua do Colégio (dos Educandos), por certo portavam algum valor simbólico, pois à frente de ambas foram traçadas vastas praças. Vale entretanto ressaltar que a criação desses vazios urbanos não se destinava propriamente a prestigiar a arquitetura, amenizar o ambiente ou a oferecer área de recreação para os futuros habitantes do bairro. Na verdade, visava ao atendimento de necessidades prementes, quer dizer, à escavação de poços públicos em pontos centrais dos logradouros, as "cacimbas do povo", como eram então denominadas, oferecidas para abastecimento público e gratuito de água às populações da circunvizinhança. Com efeito, a praças envoltórias constituíam áreas baldias que funcionavam como faixa sanitária, evitando a contaminação procedente de esgotos próximos.

As duas praças, situadas tão perto na cidade de hoje, mantinham-se outrora isoladas e distantes. Suas respectivas localizações, no "Outeiro do Colégio" e na "Aldeiota", não se confundiam. O Outeiro do Colégio (fig. 3-D), quase contíguo ao centro da cidade, era assim chamado, a fim de diferençá-lo do Outeiro da Prainha (fig. 3-C). Na realidade, não passava de uma pequena elevação do solo, formada perto da curva em que o riacho Pajeú inflecte para o sudeste, ainda hoje percebida na ligeira elevação

mostrada pela rua Coronel Ferraz, no lado oeste da Igreja do Pequeno Grande. Por sua vez, o nome "Aldeiota" lembrava uma pequena aldeia de índios outrora instalada em zona baldia, situada um pouco além do Outeiro do Colégio. Com o passar do tempo, a denominação Outeiro (do Colégio) desapareceu, absorvido pelo topônimo Aldeota, o qual se espalhou desmedidamente...

Em 1861, a municipalidade procurou intervir no desenho da cidade em crescimento. Para tanto, solicitou a Adolpho Herbster (Recife, 1826 – Fortaleza, 1893), arquiteto da Câmara, a abertura de um circuito de "ruas largas", destinadas a sistematizar o plano de expansão urbana. Na época de Sampaio e de Paulet, previa-se que a dilatação da malha em direção às terras leste da cidade deveria tomar como diretriz a rua do Norte (Governador Sampaio), obra de ambos. Ao contrário, porém, do que talvez se houvesse sido imaginado a ampliação da cidade para o nascente, na segunda década do século XIX, operou-se com o recurso de um contorno, ou melhor, de uma extensão do Boulevard do Livramento (avenida Duque de Caxias), cujo prolongamento (avenida Heráclito Graça) passou a servir de primeiro referencial ao futuro traçado rigidamente ortogonal dos bairros do Outeiro e da Aldeota. Entre as ruas, então traçadas perpendicularmente ao ramo oriental do Boulevard do Livramento, isto é, à mencionada avenida Heráclito Graça, a mais importante era o Boulevard da Conceição (da Prainha) (avenida Dom Manuel), pelo qual se alinhou um seguir de ruas paralelas. Uma destas denominava-se "rua da Soledade" (atual rua D. Joaquim e seu prolongamento, a rua J. da Penha) e outra se chamava "rua da Aldeiota", hoje conhecida por rua Nogueira Acioli.

O inventário não indica a numeração da rua, mas pode-se afirmar que a chácara de Gualter da Silva, "no lugar Aldeiota", com a longa testada dos seus 1.450 palmos (319 metros) de frente, ocupava o trecho sul da rua da Soledade. Consoante a nomenclatura urbana do presente, estaria localizada na rua J. da Penha, com fundos voltados para a rua Nogueira Acioli. Na ocasião, compreenderia gleba contínua e ainda desocupada, junto da atual praça do Colégio Militar, como aparece na planta da cidade preparada por Adolpho Herbster, quase à época, em 1888 (fig.3-A).

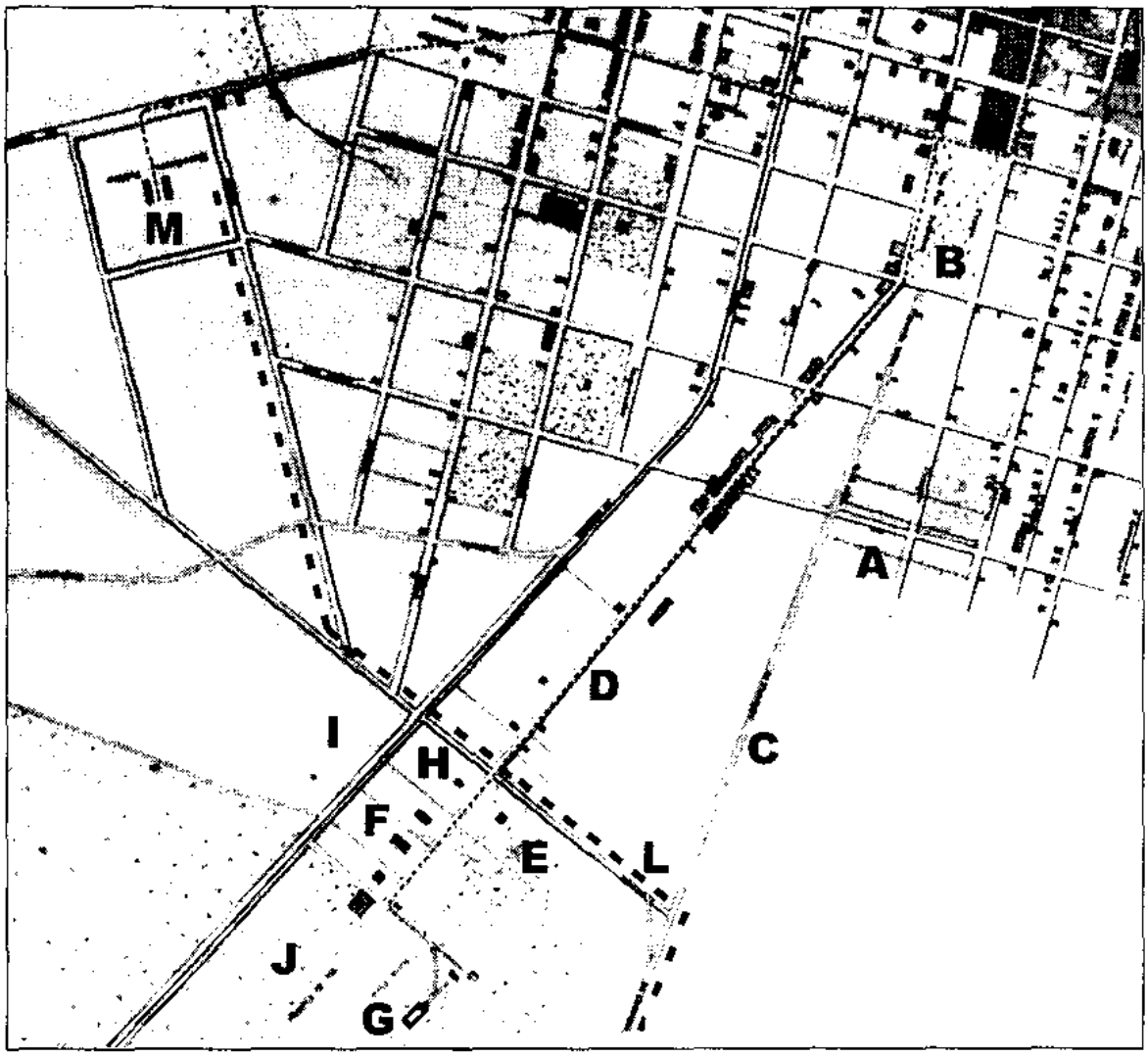

Figura 4 – Adolpho Herbster - Planta de Fortaleza / 1888 (pormenor)
Coleção do autor

A. Chácara *Villa Izabel*
B. Praça Visconde de Pelotas (Clovis Beviláqua)
C. Estrada Velha da Pacatuba (rua Marechal Deodoro)
D. Visconde do Cauhipe (estrada de Arronches/avenida da Universidade)
E. Chácara Garcia (depois, chácara Gentil)
F. Igreja dos Remédios (em construção)
G. Sítio Bem Fica
H. Chácara Pierrelevée
I. Chácara Adelaide
J. Chácara Amaral
L. Estrada do Gado (avenida 13 de maio e rua Justiniano de Serpa)
M. Matadouro (praça dos Libertadores / N.S. das Dores)

Não poderia estar implantada na parte norte da rua da Soledade, hoje dita rua Dom Joaquim, porque, de acordo com a mesma planta, o trecho já se apresentava totalmente habitado, não comportando inserção do amplo terreno da chácara no meio do casario.

A *antiga estrada da Pacatuba* e as estradas de Arronches e de Maranguape

O já referido plano de expansão da cidade, proposto por Herbster no terceiro quartel do século XIX, constava de uma malha urbana em xadrez, que se estendia entre a atual rua João Cordeiro, a leste, e as avenidas Padre Ibiapina / Filomeno Gomes, a oeste. Para o sul, o plano findava nas terras de cotas situadas entre 24 e 25 metros de altitude, quer dizer, ao longo da hoje denominada rua Antônio Pompeu, via esta desenvolvida sobre a linha mais alta do relevo da cidade de então. A linha de cotas altas, já distante do centro e *grosso modo* paralela ao mar, de fato, funcionava como um divisor de águas, separando as duas bacias – a marítima e a do Cocó, que comandavam (e comandam) o escoamento das águas pluviais em vasta área urbana. Mais à frente, para dentro, já fora do traçado regular, os terrenos já começavam gradativamente a descer, em procura do riacho Tauape, afluente do Cocó.

Assim, a aceitação, pela Câmara Municipal, do reticulado projetado por Herbster significou o recobrimento parcial das antigas vias de penetração, as quais partiam da praça da Matriz (depois Sé Diocesana) e adjacências e serviam de meios de comunicação da vila antiga com o interior da Província. Para além das linhas de cotas elevadas da rua Antônio Pompeu, isto é, na zona exterior à malha em xadrez sugerida, permaneceram, entretanto, as velhas estradas de penetração, no todo ou em parte, transformadas no leque de avenidas radiais que induziram a expansão urbana fortalezense ao longo do século XX. Os velhos caminhos de entrada para o sertão serviram, pois, de eixos de orientação à montagem de novas e sucessivas adições com desenho ortogonal, características dos bairros que, em demanda da Parangaba e do Barro Vermelho, a cidade foi implantando.

Pelo aspecto rural, aquelas vias de saída da cidade ainda eram conhecidas em fins do século XIX como *estradas* ou, mais especificadamente, como *estrada de Maranguape* (fig. 3-G), *estrada da Pacatuba* (fig. 3-E) e *estrada de Arronches (fig. 3-F)*, todas postas a serviço do abastecimento urbano[5] . A primeira, a atual avenida José Bastos, posteriormente ocupada pela via-férrea, conduzia diretamente à Serra de Maranguape, enquanto a segunda demandava a Pacatuba, ou melhor, a serra da Aratanha. A última dirigia-se à Parangaba, isto é, à antiga vila de Arronches, de onde se bifurcava, alcançando o sopé da serra de Maranguape ou a da Aratanha. A *estrada de Arronches* transformou-se na seqüência viária atualmente formada pelas avenidas da Universidade, avenida João Pessoa, avenida Godofredo Maciel e pela rodovia CE 60, que hoje passa pela Pacatuba. A *estrada de Maranguape*, com alguns ajustes, constitui a parte inicial da CE 65.

Diferentemente de suas irmãs, a estrada da Pacatuba teve porém menor sorte, pois já se achava praticamente desaparecida na época, tanto assim que constava do inventário de Gualter da Silva como "*antiga* estrada da Pacatuba", aliás, indicada por Herbster, na sua planta de 1888, como "estrada *velha* da Pacatuba". Felizmente, alguns trechos urbanos remanescentes, estreitados e fragmentados, facilitam a reconstituição parcial da "estrada", perceptível numa seqüência interrompida de vias, composta pelas ruas Marechal Deodoro, Jorge Dummar, Gomes de Matos e um correr de ruas perdidas na trama urbana do Itaperi. Vale aliás ressaltar que toda essa parte da estrada da Pacatuba, por estar situada mais próxima da cidade, ficou todavia preservada, tanto por sua localização como por força das funções urbanas que

[5] Na citada Planta da Capital do Ceará, de 1859, Herbster alinha as *Estradas* do Meireles, do Cocó, da Messejana, do Paiol [da Pólvora], da Pacatuba, de Arronches [Parangaba], de Maranguape, de Soure [Caucaia] e da Jacarecanga, Arronches e Soure, bem como Messejana e Vila Viçosa - foram os nomes de vilas portuguesas escolhidos pelo desembargador Bernardo Coelho da Gama Casco para designar respectivamente os aldeamentos jesuíticos da Parangaba e da Caucaia, e os da Paupina e da Ibiapaba, os quais, em nome do rei, fez erigir em "vilas de índios", em 1759, logo após a expulsão dos padres da Companhia de Jesus.

exercia, visivelmente utilitárias. Servia de "estrada do gado", quer dizer, constituía, desde meados do século XIX, um corredor de trânsito do gado (fig. 4-M) que se concentrava nos currais da chamada Feira do Gado da Parangaba, a fim de ser remetido para o matadouro municipal, este por muito tempo localizado na hoje praça dos Libertadores (praça Nossa Senhora das Dores) (fig. 4-N). Dos currais da Parangaba, o gado percorria em tropel a *"antiga* estrada da Pacatuba", dobrando à esquerda na atual avenida 13 de Maio e, logo depois, à direita, na rua Justiniano de Serpa. Ainda hoje, esta última é referida por seus moradores mais idosos como "Estrada do Gado", fato realmente inacreditável numa cidade que se preza em demonstrar o maior desinteresse pelo seu passado.

Como complemento informativo, registre-se que o trecho da "antiga estrada da Pacatuba" mais perto do centro, (Marechal Deodoro, 13 de Maio, e Justiniano de Serpa) embora ainda semi-urbano ainda se manteve utilizado como "estrada do gado" até 1927, quando foi inaugurado o novo matadouro público, localizado no cruzamento da atual rua Marechal Deodoro com o riacho Tauape (aproximadamente onde ora se ergue Colégio Paulo VI). Já a parte da "antiga estrada da Pacatuba", correspondente à avenida Gomes de Matos, continuou como passagem de gado até a inauguração do matadouro do Frigorífico Industrial de Fortaleza, o Frifort, em 1959, cujas instalações se localizavam na Caucaia, fora do município da Capital. A avenida Gomes de Matos, por muito tempo conhecida como rua 14 de julho, uma vez livre daquelas atividades perturbadoras, logo se transformou em um dos corredores comerciais mais ativos da cidade.

* * *

Atualizadas, portanto, as indicações toponímicas do inventário, já se pode antecipar de modo inequívoco que a chácara *Villa Izabel,* situada na "antiga estrada da Pacatuba", estava localizada na atual rua Marechal Deodoro. Ou mais precisamente, "com fundos á rua Formoza", isto é, com a divisa posterior voltada para a atual Barão do Rio Branco (fig. 3-A, 4-A, 5-A, e 6-A).

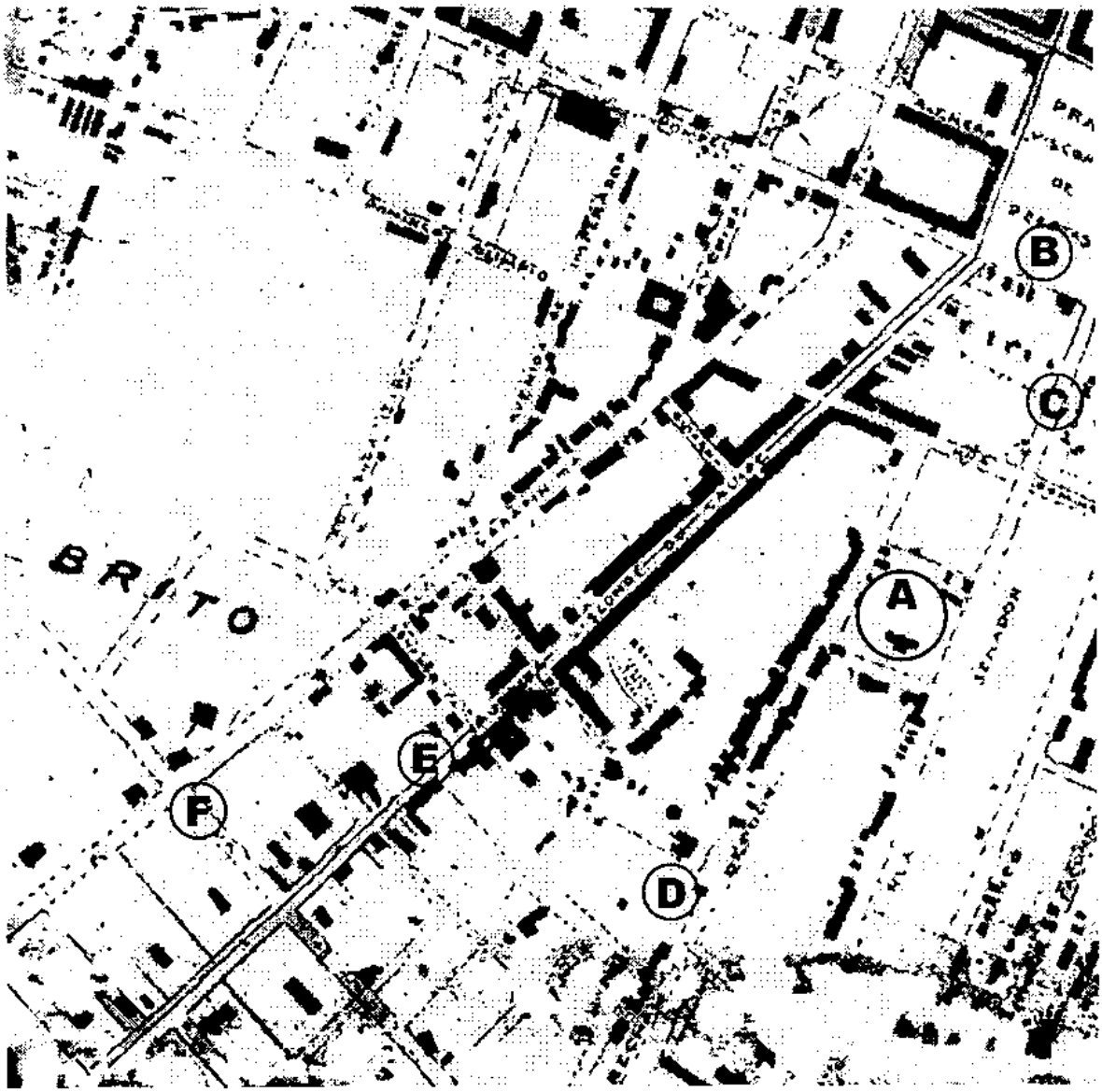

Figura 5 – PMF - Planta de Fortaleza / 1932 (pormenor)
Coleção do autor

A. Casa da antiga Chácara *Villa Izabel*
B. Praça Visconde de Pelotas (Clovis Beviláqua)
C. Rua Senador Pompeu
D. Rua Marechal Deodoro
E. Boulevard Visconde do Cauípe (avenida da Universidade)
F. Rua 13 de Maio

A propósito e à guisa de ilustração, esclareça-se que os espaços urbanos fortalezenses situados entre zonas de convergência das velhas vias radiais, localizados próximos da malha em xadrez (como era o caso daquele em que se encontrava a *Villa Izabel*), ficaram desocupados por longo período, porque neles se tornava difícil ou impossível aplicar a retícula. O tempo e a demanda demográfica fizeram-nos, contudo, ganhar posterior ocupação, resultando em pedaços de solo urbano muitas vezes subdividido por traçado espontâneo, preenchido densamente por habitações populares. A anomia municipal no tratamento dos espaços públicos, a aparência física das casas ou certas referências toponímicas pejorativas conferidas a esses setores urbanos talvez vaticinassem a formação de futuras pequenas favelas. Entretanto, a contigüidade com a malha oficial, esta ocupada por classe média, as dimensões relativamente restritas das áreas interceptadas, a oferta de acesso fácil ao abastecimento, à zona comercial, aos equipamentos de saúde, de educação, de segurança e de diversão, constituíram porém fatores positivos que se acoplaram, facilitando integrar à vida social da cidade e a seus espaços os moradores daqueles antigos recônditos pobres e confinados. Por tais razões, o trecho inicial da rua Marechal Deodoro, onde sem implantou a chácara de Gualter da Silva, até o cruzamento com a avenida 13 de Maio, esquecido das ações do Município, conheceu abandono que se refletiu na denominação depreciativa de *rua da Cachorra Magra*, por bons anos conferida àquela parte do logradouro.

O Benfica e adjacências

Já se mencionou que o inventário dos bens de Gualter da Silva situava sua chácara na "antiga estrada da Pacatuba". Fosse hoje redigido o documento, certamente diria - "localizada no bairro do Benfica". Vale, todavia, esclarecer que, tal como ocorreu com relação à Praia de Iracema (e com outras partes da cidade), o topônimo Benfica também veio a conhecer farta ampliação de sua área primitiva. Na época do inventário, apenas uma parte da *es-*

trada de Arronches recebia a denominação de *rua do Benfica*, exatamente aquela correspondente à atual avenida da Universidade ou, com mais razão o trecho localizado entre a avenida 13 de maio e a rua Adolfo Herbster.

O topônimo conheceu divulgação depois de 1863, quando passou a ser fornecida aos fortalezenses "a água do Benfica", isto é, a água extraída de poços profundos instalados pela Ceará Water Company no *Sítio Benfica* (fig. 4-H), localizado no alinhamento da *estrada de Arronches*, mas com acesso pela rua Padre Francisco Pinto. Assim, do "sítio Benfica", surgiu a "rua do Benfica" e, finalmente, após a implantação da linha de bondes à tração animal, apareceu o bairro do "Benfica"[6], como se disse referência por longo tempo restrita ao *boulevard Visconde do Cauhipe* (figs. 4-D e 5-E), aliás mudada, por volta de 1967 para *avenida da Universidade.*

A imbricação toponímica entre a avenida e o bairro do Benfica preservou-se pelo menos até as três primeiras décadas do século XX, quando do aparecimento de um bairro novo, o Prado. No fim dos anos vinte, ao ser inaugurado um prado de corrida de cavalos, em cujo núcleo central disputavam-se partidas de futebol (o antigo Campo do Prado), foi estendida uma linha de bondes (já elétricos) que ligava a atual avenida da Universidade à rua Marechal Deodoro. Essa curta linha de bondes, lançada sobre a então *rua* 13 de maio (ainda não alargada), conquanto funcionasse como mero ramal da linha do Benfica, denominava-se "linha do Prado", topônimo ampliado às redondezas. A linha do Prado corria entre os longos muros das chá-

[6] A planta da cidade organizada por Herbster em 1888 indica a localização do sitio *Bem Fica*, mas não cita a "rua do Benfica", já substituída por *Visc. do Cauhipe*. O novo nome da via homenageava Severiano Ribeiro da Cunha (1831-1876), homem rico e filantropo dedicado, falecido não fazia muito. No romance *A Normalista*, cuja trama transcorre contemporaneamente à edição da planta de Herbster e ao encontro de amigos na chácara, Adolfo Caminha emprega o topônimo, referindo-o ao bairro, considerado como área de valia social na Fortaleza da época. Na realidade, denominava-se Benfica, *strictu senso*, apenas a zona residencial conspícua, onde prosperavam inúmeras chácaras, espalhadas em torno do cruzamento do Boulevard Visconde do Cauhipe com a atual avenida 13 de Maio (fig. 4).

caras do Benfica, ou melhor, entre as chácaras José Gentil e Francisco Queiroz / Chácara Flora, tendo gerado um pequeno núcleo de habitações em frente do prado de corridas e nas cercanias da rua Marechal Deodoro, vitalizando-a naquele ponto. A extinção do prado para construção da Escola Técnica Federal e a implantação do estádio Presidente Vargas eliminaram rapidamente o topônimo Prado, absorvido pelo bairro do Benfica.

Estas explicações testemunham, no caso, as mudanças toponímicas impostas à cidade pelo transcorrer do tempo e explicam as referências feitas à chácara *Villa Izabel* por autores contemporâneos, inclusive pelo autor deste trabalho, que sempre a localizaram no Benfica[7].

As chácaras

As chácaras, mencionadas no inventário e tantas vezes referidas neste trabalho, constituíam propriedades de amplas dimensões, espalhadas na periferia das cidades brasileiras da época. Eram procuradas pelas famílias de posses, que desejavam afastar-se do crescente bulício das zonas centrais, a fim de conviver com um cotidiano campestre, entretanto, sem renunciar a certas delícias urbanas. Como unidades fundiárias, as chácaras procediam do gradativo fracionamento dos sítios periféricos às cidades, muitos dos quais, embora com áreas já bastante reduzidas, preservavam os nomes originais, como era o caso do Sítio Benfica. Sítios e chácaras exerciam funções diferenciadas. Os sítios se dedicavam a atividades nitidamente rurais, com objetivos econômicos, enquanto as chácaras, quase sempre voltadas

[7] O autor deste trabalho, em recentes alusões ao bairro do Benfica, assim se expressou:

> *O nome Benfica é recorrente em Portugal e outras cidades brasileiras, proclamando as excelências físicas da quinta, da chácara, do sítio e o bem-estar desfrutado por seus proprietários. Benfica e quantas outras denominações entradas em voga em meados do século XVIII, ora escritas em latim ora em francês, traduziam conceitos de vida amável, almejada por gentes de posse, tanto na Europa como logo depois no Brasil. E também no Ceará, como se vê* (CASTRO, 2004: 193).

para produção de consumo doméstico, interpolavam o mundo rural com a vida urbana, trazendo o campo para a cidade. *Rus in urbe*, denominava-se expressivamente uma delas, situada no Alagadiço[8].

A chácara denominada *Villa Izabel*

Já ficou assinalado que a *Villa Izabel* se localizava na atual rua Marechal Deodoro. As circunstâncias levam a admitir que estava situada no começo da rua, pois a chácara tinha os fundos voltados para a então rua Formosa (rua Barão do Rio Branco), cujo prosseguimento, para além da praça do Livramento (praça do Carmo), mantinha-se mal delineado à época, sem pavimentação e, aqui e ali, balizado por casebres. Três ou quatro quadras depois, a rua se extinguia, sem expectativas de extensão (fig. 6-A).

Para quem vinha do centro da cidade, o acesso à propriedade devia fazer-se mais facilmente por intermédio da Estrada de Arronches (avenida da Universidade), penetrando-se por alguma das curtas ruas que a interligavam à estrada da Pacatuba. O contorno para acesso provinha do fato de que, havia muito, a estrada dita da Pacatuba já não atingia diretamente o centro da cidade. Ou melhor, sem pavimentação, mantinha precária comunicação com a vizinha praça Clóvis Beviláqua, conhecida na época por praça Visconde de Pelotas[9] (fig. 4-B, 5-B e 6-B).

---

[8] A palavra *chácara* tem origem quíchua (*chajra*). Significa *campo lavrado* (NASCENTES, 1972: 361). Como muitas outras, foi divulgada na bacia do rio da Prata e no sul do Brasil pelos transportadores, ou melhor, pelos contrabandistas de prata que, no século XVIII, desciam dos Andes bolivianos em busca dos portos do Atlântico. Trata-se de sul-americanismo praticamente desconhecido em Portugal e na Espanha.

[9] A praça Clovis Beviláqua recebeu vários nomes, o penúltimo dos quais, praça da Bandeira. Na planta de 1859, aparece como Curral do Matadouro, local baldio do qual então partiam para o interior as três "estradas" já referidas. Na década de 1860, tornou-se conhecida como praça do Encanamento, pois nela se guardavam os encanamentos da Ceará Water Co. Na época do inventário de Gualter da Silva, e por muito tempo, foi [a] praça Visconde de Pelotas, popularmente dita praça de Pelotas, denominação que homenageava o marechal José Antônio Correia da Câmara, 2º Visconde de Pelotas, comandante de batalhões cearenses vitoriosos na Guerra do Paraguai. Quando ainda se chamava Praça de Pelotas, abrangia duas quadras, que formavam um vasto areal,

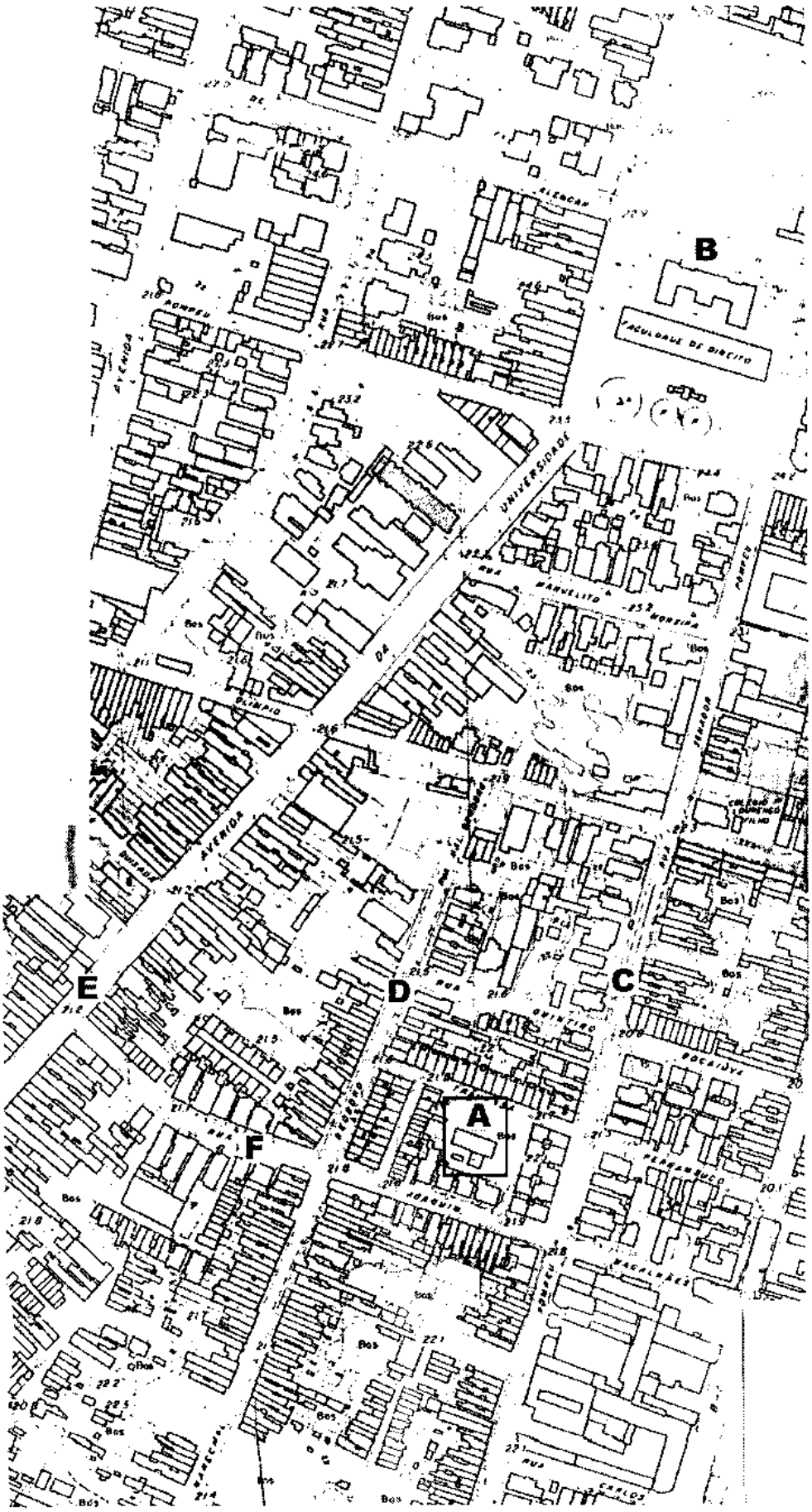

Fig. 6 – PMF - Planta de Fortaleza / 1973 (pormenor) - Fonte: Arquivo CAU/UFC.
A. Casa da antiga Chácara *Villa Izabel* - **B.** Praça Clovis Beviláqua - **C.** Rua Senador Pompeu - **D.** Rua Marechal Deodoro - **E.** Avenida da Universidade - **F.** Rua Joaquim Magalhães.

As dimensões das propriedades de Gualter da Silva, constantes do inventário, aparecem citadas em palmos, embora o sistema métrico decimal já conhecesse uso habitual no Ceará, havia muito. A chácara *Villa Izabel* contava, portanto, com 367 palmos de frente, medida equivalente a 80,74 metros. Teria 230 metros de fundos, que é a distância média aproximada entre as ruas Marechal Deodoro e Barão do Rio Branco. O terreno formaria um trapézio, quase um retângulo, cuja área correspondia à soma de duas quadras com dimensões/comuns na cidade.

Como o inventário assinalava ainda haver *um terreno junto a "Villa Izabel", com fundos para a Rua Senador Pompeu, medindo 112 palmos* (...), tal significava dizer que a propriedade de Gualter da Silva, formada por duas glebas contíguas, se assemelhava a um *L*, com o ramo menor limitado pela rua Senador Pompeu, a qual, na ocasião, terminava no encontro com a parte maior da chácara. A porção menor da propriedade teria, portanto, 24,64 metros por 110 metros, aproximadamente.

A soma das medidas dos dois terrenos resultava numa frente de 479 palmos, ou sejam, 105,38 metros de extensão[10], equivlente à largura comum dos quarteirões da cidade.

A localização da Chácara *Villa Izabel*

A tentativa de localização exata da Chácara Isabel na planta de 1888 encontra alguns empecilhos, pois, na área, Herbster incluiu o traçado de ruas que apenas estavam projetadas e, de fato, jamais abertas, como uma rua do Bonfim, paralela à rua dos Coelhos (Domingos Olímpio), não encontrada na trama viária atual. Por outro lado, surgiram ruas não previstas por Herbster, como as atuais Quintino Bocaiúva e Joaquim Magalhães, à parte

ocupado ocasionalmente, na face norte, por circos em visita à cidade. Na década de 1930, na metade sul foi instalado o prédio da Faculdade de Direito, enquanto a outra metade, apesar de cortada por uma pista em diagonal, ganhava jardins floridos, obra do prefeito Raimundo de Alencar Araripe.

[10] A venda de terrenos efetuada à base de "palmos de frente" perdurou até a década de 60 do século XX. Ou até mais adiante.

ruas curtas, como as várias travessas que subdividiram a quadra remanescente. Na planta de 1888, observa-se a indicação de duas glebas contíguas, que vão, ambas, da *estrada velha da Pacatuba* à *rua Formosa* (fig. 4-A). Consoante a escala do desenho, a soma das testadas dos dois terrenos de propriedade de Gualter da Silva equivale aos 105 metros de frente, quer dizer, iguala a soma das frentes citadas no inventário, mas as glebas indicadas na planta (em uma das quais figura uma casa), se consideradas isoladamente, mostram medidas diferentes daquelas citadas naquele documento cartorial.

Excluída uma planta cadastral preparada em 1911 pelo engenheiro João Filipe Pereira (Tauá, 1861 - Rio de Janeiro, 1950), restrita apenas à parte central da cidade e destinada aos estudos de implantação de uma rede de abastecimento de água e de esgotos, a cidade somente conheceu nova carta quase meio século depois da impressão da planta de Herbster em 1888. A referência, é feita à planta apresentada sob o título *Prefeitura Municipal de Fortaleza / Planta da Cidade de Fortaleza / Levantada na Administração Revolucionária de 1931-1932 / Desenhada por Orlando Ariosto de Luna Freire / Escala 1:10.000.*

Nessa planta datada de 1932, a cidade se mostra bastante ampliada (fig. 5). O primitivo terreno da chácara de Gualter da Silva, já cortado pelo prolongamento da rua Senador Pompeu, mantém ainda baldias as duas metades da gleba original, ou melhor, as duas quadras em que a propriedade ficou dividida. Na quadra situada entre a rua Marechal Deodoro (agora assim denominada na planta) e a rua Senador Pompeu, vê-se, bem definida, uma casa situada no meio do terreno.

A casa da chácara *Villa Izabel*

De acordo com várias plantas da cidade, a casa da *Villa Izabel* se apresentava sob a forma de um retângulo, medindo uns 20,00 metros por 9,00 metros, acrescido de um apêndice na fachada sul. Sempre manteve a mesma forma de projeção horizontal nas plantas da cidade subseqüentemente elaboradas em 1932, 1945, 1963 e 1973. Nesta última, datada de dias mais

recentes, já se nota o quarteirão fracionado por curtas vias locais, como é o caso da rua Olívio Câmara (antiga Pernambuco)[11], além de se observar o rápido preenchimento periférico da quadra por casario de diversificados padrões de qualidade (fig. 6-A). Com o passar dos anos, a casa da antiga chácara, situada no meio de um quarteirão já muito diminuído, formado pelas rua Olívio Câmara, travessa Ari da Silva Maranhão (paralela à rua Senador Pompeu), Joaquim Magalhães e travessa José Viana de Araújo (paralela à rua Marechal Deodoro), ficou totalmente cercada, ou pior, confinada pela circunvizinhança.

Na mapografia dos anos finais do século XX e no levantamento municipal feito pelo sistema de fotografias aéreas, realizado em 2002, a casa já não existe, substituída que foi por um edifício de apartamentos de doze pavimentos, erguido no meio do quarteirão – *Edifício Coral*, rua Olívio Câmara, 157.

Casas de chácara: os chalés com tipologia de morada

Na segunda metade dos oitocentos, divulgou-se no Brasil uma tipologia arquitetônica que tanto se afastava, e em muito, dos velhos sobrados urbanos como das casas de fazenda interioranas. A novidade chamava-se *chalet*, palavra francesa, posteriormente aportuguesada. Adaptados ao clima e à sensibilidade nacional, os chalés se afiguravam talhados para servir como casas de morada das chácaras. Caracterizavam-se por uma singela empena frontal, complementada com duas abas de coberta laterais. A beirada do telhado, como era comum, aparecia adornada por um correr de lambrequins, denunciando a origem alpina da tipologia, introduzida por imigrantes suíços chegados ao Brasil no começo do século XIX e instalados nas serras da província do Rio de Janeiro (Nova Friburgo e adjacências).

[11] A nomenclatura das pequenas ruas – Pernambuco, Recife, Olinda, que dividiram a gleba primitiva deve ter sido proposta por algum pernambucano. Essas ruas tiveram seus nomes alterados, homenageando desconhecidos, exceto a figura de Olívio Câmara, magistrado, aliás, de origem pernambucana.

Aparência formal do chalé da *Villa Izabel*

Por variadas razões, nada mais justo, portanto, que os proprietários na chácara *Villa Izabel* optassem por morar em um chalé, sem dúvida, já construído quando a propriedade foi adquirida. As fotografias colhidas por Alfredo Salgado comprovam que a casa da chácara acompanhava fielmente a tipologia usual dos chalés suburbanos fortalezenses ou até, brasileiros, do período, os quais sempre constavam de apenas um pavimento, com a empena no alto da fachada voltada para a rua, do que resultava uma coberta em duas águas com cumeeira longitudinal[12]. No caso da *Villa Izabel*, o chalé mantinha a frente para a *estrada da Pacatuba*, isto é, para o oeste, de sorte que a parte dos fundos, que se estendia até a rua Formosa (Barão do Rio Branco), a leste, ficava destinada às tarefas de serviço, misturadas com atividades de cunho semi-rural. Essa parte posterior da propriedade mostraria especial beleza ambiental, pois correspondia à nascente do riacho Aguanambi.

A organização da fachada de frente e a simetria das plantas dos chalés, como se disse, redundavam na implantação de uma dupla de alpendres laterais, apoiados por um correr de esteios de madeira de secção quadrada. O alpendre do chalé de Gualter da Silva, diante do qual se postou o grupo alegre, estaria inquestio-

[12] Os chalés quase sempre se mantinham limitados ao pavimento térreo, como a *Villa Izabel*, aliás, muito parecida com o chalé da chácara de José Antônio Garcia, esta realmente localizada no Benfica, ou melhor, vizinha do sítio Benfica. Vendida a propriedade de João Antônio Garcia a José Gentil Alves de Carvalho nos anos finais do século XIX (fig. 4-E), o chalé da antiga chácara foi recomposto, em 1918, segundo um projeto de arquitetura eclética elaborado por João Sabóia Barbosa. Adquirida a casa pela UFC em 1955, conheceu duas enormes ampliações comandadas por Antônio Martins Filho, a fim de poder abrigar a Reitoria da Universidade (CASTRO, 2004: 203-6 e 218-22). Havia, porém, chalés de dois pavimentos, como aquele da chácara do general engenheiro maranhense Carlos Eduardo Saulnier de Pierrelevée (1839-1907), radicado no Ceará, provavelmente datado da década de 1870 ou de 1880 (neste caso, construído pelo próprio dono). Na antiga chácara Pierrelevée (fig. 4-I), em meados do século XX, foram construídos o Museu de Arte e a Escola de Arquitetura da Universidade Federal.

navelmente voltado para o norte, pois, somente nessa posição, os raios solares, no mês de maio, iluminariam frontalmente as pessoas fotografadas. A projeção das sombras não permite afirmar se de manhã ou de tarde, mas tudo faz supor que as fotografias (cf. foto 2.) foram executadas um pouco antes da hora do almoço. Na foto 1b, à esquerda, no chão, observa-se um jarro de vidro para refrescos e uma taça, também de vidro, certamente usada para consumo de vinhos. Apreciando-se a foto 2., parece que as pessoas não se afastaram dos pontos onde se encontravam quando da tomada da foto 1b, mas Alfredo Salgado, este sim, mudou a posição da câmera, pois surge agora, como fundo, uma parte do alpendre já perto da entrada da casa.

Conclusão

Os estudos de superposição cartográfica, quer realizados manualmente quer com ajuda da computação gráfica, permitiram rastrear o destino da *Chácara Villa Izabel*, preservada fisicamente por décadas em decorrência de sua localização reclusa, em ponto alheio à implantação da malha em xadrez.

Na medida em que o tempo passou, as pressões demográficas conduziram ao gradativo parcelamento e à total ocupação da gleba antiga. De início, em sua periferia. Depois, no interior da quadra.

Finalmente, desapareceu de todo a casa de chácara, a qual, num ensolarado domingo de maio de 1888, se transformou em palco despretensioso às manifestações de prazer e alegria da família de Gualter Rodrigues da Silva e de seus convivas, animados pela música[13], manifestações efêmeras mas perenizadas pela fotografia.

[13] A música deve ter ganho especial destaque no encontro festivo, como bem o indica o bandolim que o anfitrião dedilha. Sobre o mais, a casa contaria sem dúvida com um piano, instrumento indispensável às moradas burguesas da época, tocado por Dona Biluca e pelas filhas, à parte o fato de entre os convidados se destacarem dois músicos ilustres, um deles, violoncelista, e o outro, Nepomuceno, pianista consagrado.

Como repasse conclusivo do que foi exposto, pode-se afirmar, portanto:

• Não há dúvida quanto à localização da chácara na *antiga estrada da Pacatuba,* pois assim o atesta o inventário.

• A chácara estava localizada no trecho inicial da *estrada,* pois somente assim poderia ter a parte posterior voltada para a rua Formosa (Barão do Rio Branco), como cita o inventário, ou melhor, para o prolongamento da rua Formosa em terras além da rua dos Coelhos (Domingos Olímpio), esta então apenas delineada (mais desenho do que realidade).

• A planta de Herbster, datada de 1888, quer dizer, do mesmo ano em que se realizou o encontro na chácara, mostra o contorno de dois terrenos, os quais, unidos, reproduzem aproximadamente as medidas de frente da propriedade constantes do inventário.

• A mesma planta de Herbster, de 1888, assinala na área apenas uma casa isolada, quer dizer, uma casa de chácara, em um dos terrenos acima mencionados, evidentemente, a casa da chácara *Villa Izabel.*

• Em conversa com moradores do quarteirão onde se levantava a casa de chácara de Gualter Rodrigues da Silva, o autor deparou a agradável surpresa de saber que muitas pessoas ainda se lembram da morada, conseguindo descrevê-la com aproximadas semelhanças das fotografias de Alfredo Salgado ou como a tipologia arquitetônica dos chalés insinuava. Antes da demolição, já decadente, a casa abrigou uma fábrica de velas.

• A casa da chácara permaneceu mais ou menos íntegra por longo tempo, pois manteve, em projeção, a mesma forma em seguidas plantas da cidade, tendo sido demolida há uns quinze anos para construção do edifício de apartamentos, conforme depoimento de um membro da família proprietária da casa em seus dias finais.

Dado curioso: no "arrolamento da população" (censo) efetuado pela Chefatura de Polícia em 1887 ou, mais precisamente, na relação de moradores da *estrada da Pacatuba* (logradouro não numerado), nada consta sobre a família de Gualter da Silva. Duas hipóteses para a omissão podem ser formuladas - ou a casa

teria sido adquirida pouco antes do encontro ou o livreiro e sua família morariam na zona central da cidade, onde foram recenseados, usando a casa somente para passar os fins de semana. Segundo tal hipótese, sem dúvida, a casa constaria do "arrolamento", todavia, habitada por terceiros, quer dizer, por criados de Gualter da Silva[14].

* * *

Este trabalho seguiu metodologia corrente nos estudos de história da forma urbana. Não de todo satisfeito com o que conseguiu colher, o autor ainda pretende consultar os registros de transações imobiliárias guardados no Arquivo Público do Estado, tentando, por sucessão regressiva de proprietários, alcançar a operação de compra da chácara feita de Gualter Rodrigues da Silva. Trata-se de pesquisa cujos resultados podem conhecer resposta imediata ou, pelo contrário, deparar grandes dificuldades, tendo em vista o total fracionamento da gleba, vendida a inúmeros adquirentes.

Ao ensejo, o autor apresenta penhorados agradecimentos ao pesquisador Henrique Sérgio Araújo Batista, ao professor Geraldo Jesuino da Costa, ao professor Ricardo Figueiredo Bezerra, ao arquiteto Artur Molina, à pesquisadora Liduína Queiroz de Vasconcelos (Arquivo Público Estadual), à pesquisadora Gertrudes Costa Sales, da Biblioteca Pública/Arquivo Público Estadual, ao Arquivo Nirez de Comunicação (Miguel Ângelo de Azevedo) e aos atenciosos moradores da rua Marechal Deodoro, no trecho onde se erguia a casa da chácara de Gualter Rodrigues da Silva.

Referências bibliográficas

BÓIA, Wilson. *Antônio Sales e sua época.* Fortaleza: BNB, 1984.

CASTRO, José Liberal de Castro. Contribuição de Adolpho Herbster à forma urbana da Cidade da Fortaleza. *Revista do Instituto do Ceará.* Fortaleza, 108: 43-90, 1994.

[14] Em favor da primeira hipótese, Wilson Bóia admite que a chácara "seria a nova residência da família" (BÓIA, 1984: 81).

_____ Martins Filho , o Edificador. In MENESES NETO, Paulo Elpídio. *Martins Filho de Corpo Inteiro.* Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004: 181-227.
GIRÃO, Raimundo. *Geografia Estética de Fortaleza.* Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959.
GIRÃO, Raimundo & SOUSA, Maria da Conceição. *Dicionário da Literatura Cearense.* Fortaleza: Imprensa Oficial, 1987.
NASCENTES, Antenor. *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro, Bloch, 1972.
SALES, Antônio. Uma fotografia célebre. Fortaleza, *Correio do Ceará,* 11.01.1937.
STUDART, Guilherme, Barão de. *Diccionario Bio-bibliographico Cearense.* Fortaleza, Typo-lithographia a vapor, 1910.
_____*Diccionario Bio-bibliographico Cearense.* Fortaleza, Typo-lithographia a vapor, 1913.
_____*Diccionario Bio-bibliographico Cearense.* Fortaleza, Minerva, 1915.
TORCÁPIO [FERREIRA], Raimundo. Algumas linhagens de famílias do sul do Ceará. Fortaleza. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza, 38: 229-341, 1924.

Referências Cartográficas

HERBSTER, Adolpho. Planta da Cidade de Fortaleza / Capital da Província do Ceará / Levantadas por Adolpho Herbster. Paris. Burke & Cie., 1888.

FORTALEZA, Prefeitura Municipal de. Planta da Cidade de Fortaleza / Levantada na Administração Revolucionaria de 1931-1932 / Desenhada por Orlando Ariosto de Luna Freire / Escala 1:10.000. Fortaleza, 1932.

BRASIL. Serviço Geográfico do Exército. Carta da Cidade de Fortaleza e Arredores / Levantada, desenhada e impressa pelo Serviço Geográfico do Exército / 1945 / 1.10.000. Rio de Janeiro, 1945.

BRASIL. Serviço Geográfico do Exército. Fortaleza. Diretoria do Serviço Geográfico. Escala: 1:5.000. Rio de Janeiro, 1963.

FORTALEZA, Prefeitura Municipal de. Levantamento Aerofotogramétrico / Cidade de Fortaleza / 1:2.000 / Executado por Serviço Aerofotogramétrico Cruzeiro do Sul / 1973 [Prefeitura Municipal de Fortaleza / CAGECE / Companhia Telefônica do Ceará]. Rio de Janeiro, 1973.

Referências Documentais

Livro de inscrição do arrolamento da população da freguesia de N.S. do Patrocinio da cidade da Fortaleza, capital da Provincia do Ceará. 1º de

Agosto de 1887. [Organizado pel]o Chefe de Polícia Olympio Manoel dos Santos Vital (parte 2)

Fontes Arquivolígicas

Arquivo Público do Estado do Ceará – Cartório de Órfãos de Fortaleza.
Arquivo Público do Estado do Ceará - Secção de Microfilmagem (anexo à Biblioteca Pública)
Arquivo Nirez de Comunicação – Setor de Iconografia.

* * *

Resumo

O presente trabalho trata da localização da Villa Izabel, chácara pertencente ao livreiro Gualter Rodrigues da Silva, um dos pontos de encontro domingueiro de intelectuais fortalezenses na penúltima década do século XIX. Conquanto sempre dita como situada no Benfica, sua vaga localização pode agora ser estabelecida com relativa exatidão, em face de dados obtidos em documentação cartorária recentemente compulsada no Arquivo Público do Estado, aplicados à mapografia urbana fortalezense da época.

Summary

This work intends to establish the location of Villa Izabel, country house owned by bookseller Gualter Rodrigues da Silva. In that house, said to be located in Benfica, then a suburb of Fortaleza, Rodrigues da Silva used to host a group of intelectuals for friendly Sunday meetings during the 1880's. The unclear location of that place has now been established by means of notary documentation found in the Public Archives of the State of Ceará, applied to Fortaleza's city maps of that time.